

Histórico do Garimpo Manezão (ou Manelão) na Área indígena dos Kayapó-Xikrin do Bacajá.

1) Ver a descrição deste garimpo in Hidrelétricas do Xingú, CPI/SP. "Os Kayapó-Xikrin do Bacajá", Lux Vidal. Existem fotos e um vídeo realizado por Vincent Carelli 1987 (não editado).

Ver também in Aconteceu 87-90 CEDI - Sudeste do Pará-Xingú, p. 325.

2) Informações sobre as relações entre índios e o garimpo do Manezão desde 1987, dadas por Nerci Caetano Ventura a Lux Vidal, em Altamira 17/03/92.

"Em abril de 1989 entrou no Manezão a Paranapanema, através de sua testa de ferro, a firma Scalabrin. Ela pagava religiosamente os índios o combinado mais os dois vãos mensais a Altamira. Havia poucas pessoas no Garimpo e os índios nunca iam para lá para reclamar.

Paralelamente corria na justiça um processo de reintegração de posse por parte dos garimpeiros expulsos do garimpo. Eles tem uma associação, através de Belém.

Em setembro de 1989, antes da justiça se pronunciar os garimpeiros tomaram a força o garimpo, na marra, tirando a Paranapanema de lá.

Quem tomou conta foram 3 garimpeiros de Marabá. Por um

tempo pagaram aos índios 200 grs. de ouro por mês além dos dois vãos mensais.

Depois houve brigas no Garimpo e começou a atrasar o pagamento. Os índios iam brigar lá. Houve atritos e a situação ficou muito tensa. Os responsáveis pelo garimpo visitavam a aldeia e a aeronave ficava sob pressão.

Quem tomava conta do garimpo era um garimpeiro de Marabá, o Raimundo Nonato Alves, a pista era dele e é ele que intermediava com os índios.

Depois surgiu um grupo de quatro irmãos garimpeiros que começou a gerenciar o garimpo.

Eram pistoleiros violentos, matavam. Deram uma surra no Nonato.

Chegaram na aldeia e disseram aos índios que o Nonato os roubava. O Nonato se afastou, mas ficou no garimpo.

Houve uma certa intimidade dos índios com esses caras. Negociavam.

Piorou a situação. A produção de ouro, ao que tudo indica, estava baixa.

Esses 4 também começaram a vender a madeira da região e os garimpeiros começaram a se espalhar pela região.

Acabaram não pagando mais nada aos índios. Os índios iam muito ao garimpo, consumindo e os garimpeiros

descontando da mensalidade, sem controle, igual ao sistema do barracão.

Os índios finalmente tiraram os 4 irmãos e resolveram colocar novamente o Nonato. Havia atrito entre as partes. Fizeram uma reunião com os índios, o Nonato e 2 dos 4 irmãos.

Foi em fevereiro de 1991 que ocorreu esta mudança. O Nonato, novamente, pagava religiosamente os índios.

Em abril de 1991, houve na aldeia um casamento indígena e os índios convidaram o Nonato e família que vieram, trazendo presentes, refrigerantes, etc..

No dia 1 de maio os 4 irmãos mataram o Nonato, na frente, aliás, de 2 índios.

Os índios decidiram ir e matar os 4 irmãos que fugiram para a mata. Caetano, o chefe de Posto, tratou de acalmar os ânimos. Havia medo na aldeia.

As notícias chegaram a imprensa e a PM foi ao local (verificar notícias nos jornais).

Antes de tudo isso acontecer o Nonato havia feito um acordo com uma firma. Esta firma, a Açaí Mineração de Belém, chegou lá pelo dia 15 de maio de 1991. Tomou o garimpo. Vieram à aldeia conversar com os índios. Chegaram 4 pessoas fardadas mais os seguranças da firma. Disseram que agora tudo seria diferente. Entre eles havia um delegado

aposentado da Polícia Militar, ex-funcionário da FUNAI em Belém.

Então? Como ficaria? Negociaram.

Prometeram escola, motor de barco, mais os pagamentos e vãos mensais.

Havia no garimpo 40 homens com seguranças, uniformizados. Prometeram tudo e mesmo segurança (sic).

Em junho-julho de 91, o Chefe da FUNAI de Belém, o Dinarte, esteve no Bacajã e viu o conflito. (O Caetano, o chefe de Posto, não sabia o que fazer). A orientação do Dinarte foi a seguinte: "Negociem mas não assinem nada. Os índios que decidam, você não se comprometa".

Eles deveriam pagar aos índios 200 grs. de ouro. Bem, durante 2 meses a firma ficou tranquila. Faziam até relatórios.

Mas em seguida os 4 irmãos reaparecem e com os seus amigos garimpeiros, uma turma de pistoleiros, eles matam de uma vez 6 seguranças, inclusive o chefe, o ex-comandante da PM, ex-funcionário da FUNAI. Maltrataram e botaram fogo nos cadáveres que ficaram irreconhecíveis. E fugiram novamente para a mata.

A estas alturas a PM foi lá no garimpo, tomou o garimpo e ficaram caçando (procurando) os assassinos foragidos na mata.

Isto era em agosto de 1991 (Verificar notícias nos jornais).

Os índios não recebiam mais nada.

A firma acabou ficando por lá, a coisa acalmou um pouco e finalmente a firma pagou o atrasado aos índios.

Mas em outubro de 1991 pararam de pagar de vez.

Localiza-los foi impossível. Os índios pressionando, mas nada de aparecer, os índios agora pressionando a FUNAI.

Em janeiro de 1992 apareceu um tal de Oscar baiano, aliás, conhecido dos índios, e disse que tomaria conta do garimpo e assumiria a dívida.

Do atrasado pagou 2 meses. Agora, em março de 1992, já esta com 4 meses de atraso e sem previsão de pagamento. Ele desapareceu. A FUNAI telefona e ele não responde.

- Depois da Paranapanema chegaram a trabalhar no garimpo mais de 5.000 garimpeiros. Agora devem ser uns 2.500 a 3.000 garimpeiros. Dizem que o ouro é fraco. Os índios estão descontentes e pretendem ir até o garimpo e pedir o pagamento além de um aumento: "Ou pagam ou saem".

- O outro Garimpo que polui o rio Bacajá, lá encima, chama-se Pista Nova e fica a 15 minutos ao norte de Tucumã.

Joga no rio Negro e nas cabeceiras do Bacajá.

Na aldeia bebem daquela água, por isso há tanta verminose. Os peixes estão contaminados, dando dor de barriga. Os peixes chegam a ficar boiando, mortos e cheios de feridas. Chegam a apodrecer no mesmo dia. Alguns peixes chegam a aparecer sem cabeça. Não há mais peixe. Provavelmente estão nos furos e igarapés não poluídos".